

# Grotesco ~ UM gótico Épico

por GE Graven



## Capítulo XII



### ***Reims, França ~ Château de Blasi ~ junho de 1348***

**Uma** tarde de junho anunciava o início de um pôr do sol vibrante, com tons intensos tingindo o céu moribundo. Blasi estava de pé, com o rosto firmemente pressionado contra um vidro, olhando pela janela do quarto de Alsae, no andar de cima. Sua respiração condensava no vidro, formando uma auréola opaca perto de sua barba farta. No calor persistente do verão, uma gota de suor escorria por sua têmpora. Mesmo com as cicatrizes desfigurantes de carne corroída e descolorida que percorriam suas pernas, ele permanecia de pé sem ajuda e, de resto, gozava de excelente saúde. Uma mesa de madeira estava ao seu lado, sustentando um vaso empoeirado de flores de papel que Renée dera a Alsae poucos dias antes de seu último compromisso em Crécy. As pétalas rasgadas eram um sinal para as traças famintas que haviam... já que secou e formou uma pilha junto à base do parapeito da janela.

“São como uma fila de formigas. Quem vai enterrá-las todas?” Blasi murmurou, com os olhos vidrados fixos na distância. Na estrada principal que marcava o início da propriedade Blasi, uma fila constante de transeuntes infectados pela peste se alinhava na avenida. Do alto e distante ponto de vista de Blasi, ele os via como uma fileira interminável de insetos fantasmagóricos, avançando lentamente.

saindo da cidade antes de desaparecerem no campo. Jovens e velhos, ricos e pobres, homens, mulheres e crianças — todos juntos, movendo-se como os últimos passos de uma cidade inteira, condenada à força. No êxodo em massa, a maioria caminhava a pé, carregando o pouco que podiam. Outros, que mal conseguiam se sustentar, cambaleavam como mortos-vivos. De vez em quando, carroças sobrecarregadas, puxadas por cavalos, cortavam o centro da colina que se deslocava para o norte, suas rodas roçando por pouco os cadáveres de dias que pontilhavam a beira da estrada. Blasi limpou o embaçamento do vidro da janela. “Onde há terra suficiente para enterrar uma cidade inteira — ou inúmeras cidades, até? É uma loucura imensurável; esta pestilência é.”

Alsaie chamou-o por cima do ombro e Blasi percebeu uma crescente tensão na sua voz. “Se eles se aproximarem, não os deixe entrar, François. Não podemos ajudá-los. Diga-me que

Você não vai!

“Tranquei as portas e janelas”, respondeu Blasi simplesmente, mantendo o rosto pressionado contra o vidro. “Estamos tão seguros quanto se pode esperar.”

Passou-se um instante antes de Alsaie o repreender: “Eu imploro que você saísse do castelo! Nós somos em grave perigo. Por mais que eu tente, não consigo entender por que deixou você me convencer do contrário. Algo terrível vai acontecer. Só presságios ruins, eu sinto!

Blasi recusou-se a responder; em vez disso, observou a estrada congestionada.

“Ainda temos tempo, François! Escute bem: atrás dos estábulos há uma trilha tomada pelo mato que atravessa a mata. Renée costumava puxar sua carroça por ali. Podemos carregar a carroça e atrelar seu cavalo—”

Blasi a interrompeu abruptamente. “É tarde demais, Alsaie.”

“Não é! E se Michael morresse por causa da sua obstinação, você conseguiria suportar isso?”

Uma cruz? Você consegue, Jean-François Blasi?

“Ele está seguro”, afirmou Blasi. “E vocês estão seguros. Em nossa fé, tudo ficará bem.”

Alsaie suspirou e resmungou: “Só se o Senhor permitir; e eu espero que Ele permita.”

Blasi assentiu com a cabeça. “Ele deverá fazer isso.”

“Além disso, François, não quero que você conte secretamente a Michael que ele vai montar aquele cavalo indomável. Você deveria ter ficado com o outro, como eu insisti.”

Blasi franziu a testa e deixou os ombros caírem. “Precisamos mesmo ficar remoendo isso?”

“Precisamos!”, exclamou ela. “Precisamos, se você vai guardar tantos segredos. Você não se lembra de mim como a esposa dedicada do seu irmão e a mãe amorosa do seu sobrinho? Não tenho sempre aberto nossa humilde casa para você? Não tenho sempre cuidado de você em momentos de necessidade? Eu não sou inglês, François, e não matei seus irmãos!

Blasi se virou bruscamente; seus olhos estavam vermelhos e inchados. “Por que você me causa tanta dor? O que você quer dizer com isso?”

O que você deseja de mim, caso contrário?

"Eu quero a verdade!", exclamou Alsae. "Eu imploro."

"Ah." Blasi baixou a cabeça e deu uma risadinha. "Só a verdade?"

"Sim; eu gostaria de ouvir Jean-François me contar toda a verdade que o Cardeal Blasi me escondeu. Ele poderia atender a este meu humilde pedido?"

Blasi examinou o quarto enquanto considerava o pedido dela, simples, porém aparentemente impossível, mas nenhum objeto do quarto conseguiu atrair seu olhar o suficiente para fazê-lo ignorá-la.

Um olhar ansioso. Ele mordeu o lábio, deixou os ombros caírem e suspirou pesadamente. "Se você insiste, então contarei tudo." Virou-lhe as costas e olhou pela janela antes de continuar: "E quando

você souber a verdade, espero que encontre um lugar em seu coração para me perdoar e talvez compreender o motivo inicial pelo qual não fui totalmente sincero."

Alsae o repreendeu. "A verdade, François."

Blasi concordou. "Muito bem, então. Tudo começou nos meus aposentos, no meu apartamento no Château Rouge, em Avignon, quando acordei com uma visita totalmente inesperada." Ele se encostou no parapeito da janela, observando o fluxo constante de transeuntes enquanto confessava tudo: a sua afortunada oportunidade de contemplar o espírito de Jacques; a difícil entrada nos Apócrifos; a descoberta das Pedras de Entrada escondidas pela Santa Sé; o Rei Filipe e o Papa Clemente, e um plano papal que incluía um empréstimo; o Capitão Bourne e o Abade Vonig, e sua árdua estadia na Abadia de Gardiens; a eventual abertura da Pedra de Entrada; e seus terríveis ferimentos e sua fuga por pouco da Abadia no cavalo do Capitão. E durante toda a narrativa de Blasi, Alsae não o interrompeu. Ao concluir, Blasi se virou, dizendo: "Pronto, aqui está. Tudo, Alsae."

Alsae apontou com um dedo trêmulo para a mesa ao lado dele. "Os papéis antigos ali; são essas as páginas de que você fala?"

Blasi afastou-se da mesa e assentiu com culpa, admitindo: "A maioria deles; Outros se perderam ao vento." Ele se virou, voltando sua atenção para o congestionamento. estrada. Ele suspirou. "Não há mais nada a dizer, Alsae. Por favor, me perdoe por não ter revelado isso antes." Blasi cerrou os dentes e se enrijeceu, antecipando uma dura repreensão, mas apenas um silêncio sepulcral se instalou entre eles.

Por fim, Alsae dissipou o silêncio persistente com renovado vigor. "Não consigo ouvir Michael! Talvez ele esteja lá fora — com eles. François!"

"Não se preocupe; ele está descansando", Blasi a tranquilizou, "tão seguro quanto possível".

Continuando a olhar pela janela, ele desviou ligeiramente o olhar e contemplou um antigo álamo, com seus galhos amplamente espalhados.

“Esplêndido”, respondeu ela, com a voz mais relaxada e talvez até com um toque de... humor. “François, ele foi um pequeno espírito livre o dia todo — me deixou exausta. Ele tem tanta energia — igualzinho ao pai. Um dia ele vai conquistar o coração de alguma sortuda como eu.” Ai de mim. E ai da mulher que se deixar seduzir pelo seu charme.”

Blasi engasgou; uma nova lágrima seguiu outra pela sua bochecha e desapareceu na sua barba. “Estamos seguros”, respondeu ele, olhando fixamente para um pequeno marcador de madeira sob o álamo, com um monte de terra à sua frente. Ele havia enterrado o menino apenas no dia anterior.

Alsaie fez sua própria confissão: “Tenho algo para compartilhar com você e serei franca também. Enquanto você dormia, fui à padaria comprar pão fresco. É melhor você estar com fome; seu prato está transbordando. E você ficará feliz em saber que seu irmão se juntará a nós para o jantar.” Ela deu uma risadinha. “E desta vez, ele prometeu que chegará antes do pôr do sol. Ah, ouça só! Ele vem até agora. Renée!” Alsaie suspirou profundamente.

“Você precisa descansar. Vou trazer comida, água e lençóis limpos”, respondeu Blasi, afastando-se da janela e seus olhos pousando em Alsaie, que jazia debruçada sobre a beira da cama, encharcada de suor. Seu delicado braço, estendido para cima, pairava no ar, como se buscasse algo ou alguém invisível. As pontas dos seus dedos estavam pretas; seus lábios sorridentes, escuros e ressecados, e seu olhar vidrado estavam fixos em nada mais do que talvez uma fenda no teto.

No dia seguinte, Blasi trabalhava sob o velho álamo, entre montes de terra fresca, espalhando pás de terra sobre o túmulo de Alsaie e cobrindo seu último parente da outrora proeminente linhagem Blasi. Ele fincou a pá no chão e passou o pé sobre as raízes quebradas quando descobriu uma carroça sobrecarregada estacionada na entrada principal do castelo. Blasi protegeu os olhos do brilho do sol para inspecionar melhor a pessoa indesejada. Em meio a um cenário de transeuntes doentes, o cocheiro permanecia estacionado, observando -o talvez como um voyeur descarado. Uma faixa de pano envolvia completamente sua cabeça, exceto por uma área descoberta que oferecia apenas uma fenda escura onde, de outra forma, estariam os olhos . Ele poderia se assemelhar a uma múmia com um chapéu de abas largas. O cocheiro estava sentado sob o sol do meio-dia com um longo casaco sobre os ombros. Pela sua aparência sinistra e semblante inexpressivo, se não tivesse se revelado abertamente à luz do dia, Blasi poderia tê-lo confundido com a própria Morte, em cima de uma carroça mortuária. Contudo, como o espectador de aparência peculiar não demonstrou qualquer intenção de avançar, Blasi o dispensou e voltou sua atenção para assuntos mais graves e urgentes.

O Cardeal retirou um frasco de vinagre envelhecido da base da árvore e aspergiu seu conteúdo recém-consagrado sobre o túmulo de Alsaie, recitando aquilo que Miguel ingenuamente havia dito.

consideradas como: as outras palavras. Por fim, completas suas palavras, Blasi ajoelhou-se perto do Ao pé de seu túmulo, encerrou sua oração com uma saudação de despedida: “Vá com Deus em Cristo, Alsaé Blasi; amada esposa de Renee Blasi; carinhosa mãe de Michael Blasi. Amém.” Ele fez o sinal da cruz e curvou-se em silencioso respeito — e retroflexão . E naquele momento de angústia; na ausência do canto dos pássaros; no chiado monótono dos grilos de verão; no calor incômodo e vertiginoso do dia, no alvorecer de sua condição desolada; e na revelação inquietante de que qualquer súplica por perdão cairia para sempre em ouvidos surdos e mortos, Blasi chorou. Ele caiu de joelhos e se deixou cair sobre o monte, juntando punhados de terra em torrões compactos como se, por algum motivo, ele tivesse sido levado por ele. meios divinos, uma compreensão mais firme do momento pode ajudar a pressionar Alsaé para fora de sua condição terminal. Ali, sob o álamo, entre mãos sujas e soluços convulsivos, uma torrente de gritos regava a terra. E ali, sob o álamo, Blasi se deleitava com as delicadezas de suas decepções enquanto se entregava a um vazio avassalador, afogando-se em uma mistura fervorosa de retrospectiva e tristeza.

*'Boa tarde, senhor!'* A chamada inesperada fez Blasi recuar abruptamente. para raciocinar. Ele saltou de pé e girou como um criminoso desavisado, enxugando os olhos para descobrir o cocheiro que se aproximava e sua carroça balançando. O estranho tirou o chapéu, desenrolou o pano que envolvia sua cabeça e despiu o longo casaco. Revelou -se um homem de meia-idade com o rosto encovado e uma barba espessa. Olheiras profundas sugeriam que ele era um viajante cansado. Aproximando-se lentamente, o cocheiro acenou com a mão em sinal de boas-vindas. *“Comment allez-vous?”*

Blasi ordenou, erguendo a mão para impedi-lo: "Prenha seu cavalo!" Ele saiu correndo de debaixo da árvore e entrou na clareira. "Não se aproxime mais!" O cocheiro parou imediatamente e seu cavalo protestou, sacudindo a cabeça várias vezes contra as rédeas apertadas. Blasi apontou para o castelo enquanto gritava: "O senhor desta mansão comanda um exército! Retire-se imediatamente ou será morto por ele!"

*“Je m' appelle, Jean Labatut ”* , anunciou o dono da carroça, apresentando-se; “Sou um comerciante proeminente de Marselha. Peço desculpas por incomodar o senhor da propriedade; no entanto, agradeceria muito uma audiência com ele, se me for concedida essa honra.” Ele enxugou a testa com a manga. “Dou minha palavra de cavalheiro de que não tenho más intenções — apenas minhas orações e uma promessa de boas intenções, que ele certamente apreciaria muito nestes tempos difíceis.”

Blasi aproximou-se da carroça, examinando-o atentamente. "Faça-me saber suas boas intenções." O homem começou a tossir, apenas acenando com a cabeça e apontando com o dedo para o outro.

à base do álamo, antes de conseguir dar uma resposta rouca: “Vocês preparam sepulturas novas.” Ele engoliu em seco e pigarreou. “É solo *consagrado*, não é?”

“*C'est ainsi*,” Blasi afirmou.

“Abençoado *corretamente* — por um sacerdote?”

“*C'était ainsi*, ” Ele confirmou novamente.

O homem fungou e examinou cuidadosamente o terreno, como se procurasse algo que lhe fosse particular. “E que parte deste terreno é consagrada?” Seus olhos voltaram a repousar na árvore e ele a observou, desde os galhos mais altos até as raízes.

“*Basta; o que você procura?*”

“Se o mestre permitir, desejo negociar com ele um simples serviço em troca de todas as minhas mercadorias.” Blasi lançou um olhar furtivo para a entrada do castelo. “Ele não fala com ninguém, exceto comigo. Conte-me sua proposta e eu a transmitirei prontamente.”

“Sim. Gostaria de fazer isso — se o mestre concordar —” O homem fez uma careta e coçou a barba por fazer. barba, ponderando a melhor forma de apresentar suas boas intenções. “Por favor, informe-o de que um mercador chegou com uma carroça repleta de mercadorias suficientes para abastecer toda a sua propriedade por várias estações.” Ele olhou por cima do ombro e examinou seus produtos antes de recitar seu inventário como qualquer mercador eficiente, refinado por muitos anos de negociações astutas: “Tenho grãos frescos, frutas secas, carnes salgadas e doces. Tenho óleo para lamparina, pós perfumados, bálsamos, tecidos, couro e medicamentos. Tenho um suprimento abundante de sal e todos os tipos de especiarias curativas e medicinais. Tenho ferros de passar roupa, peças de porcelana, Pratos de servir em prata e ouro, dignos de qualquer residência nobre. Além disso, possuo um barril intocado do melhor vinho de toda a França.” Ele se virou, olhou diretamente nos olhos de Blasi, assentiu e estendeu a mão sobre seu cavalo e carroça, dizendo solenemente: “E esta bela montaria e esta robusta carroça também fazem parte da minha troca, caso o mestre esteja disposto. Por favor, informe- o — tudo isso eu lhe darei, se ele me conceder apenas um simples pedido.”

solicitar.”

Mesmo em seu estado pouco apresentável, o mercador exibia uma aparência tão impecável que capturou a atenção de um cardeal igualmente astuto. Blasi examinou as patas, os dentes e os olhos do equino, constatando que se tratava de um belo e jovem cavalo musculoso, com uma pelagem imaculada que parecia brilhar com um tom carmesim sob a luz do sol. Ele estreitou os olhos, com a suspeita crescendo dentro de si. “E qual seria este simples pedido?”

O homem se ajeitou na carroça. Limpou a garganta e disse: “A pestilência me pegou. No entanto, em troca de tudo o que possuo, peço apenas que me seja concedido um pedaço de terra sagrada para um enterro digno.”

Blasi recuou alguns passos e juntou os dedos à frente do corpo, ponderando sobre o que era incomum.

pedido. Ele lançou olhares entre os túmulos de álamo e o mercador doente antes de tentar rejeitar a proposta do estranho atormentado. “Já não acredito— O homem interrompeu: “Eu imploro!” Ele apontou para o fundo da propriedade. “Posso ficar fora do castelo, na carroça; lá atrás, perto da mata. Não preciso de nenhum cuidado.” Ele enxugou o pescoço com um pano e continuou seu apelo: “Meu tempo é curto; talvez mais um dia e eu não serei mais um fardo. Não peço nem mesmo uma lápide para me marcar — apenas um pedaço de terra em solo sagrado.”

Blasi inspecionou minuciosamente a carroça do mercador, que carregava uma carga impressionante e parecia ter sido bastante modificada em relação ao projeto original. Numerosas tábuas verticais se erguiam, presas a todos os lados, cada uma com fechos de metal dos quais uma teia de cordas se estendia entre elas e através da alta pilha de provisões compactadas dentro da carroça. Intrigado com a capacidade das rodas da carroça de suportar tanto peso, ele notou a largura incomum delas. Os olhos de Blasi pousaram na borda superior de um pequeno barril de vinho que parecia espreitar por trás de um feixe de sacos de juta. Ele respirou fundo e olhou por cima do ombro, além da parte de trás do castelo, por cima de um denso campo de ervas daninhas, e para uma fileira de bosques mais distante que marcava o limite mais escuro da propriedade. Voltou-se para o homem e examinou seu rosto sob uma boa luz, pressentindo que a oferta do comerciante era genuína. Afinal, a Morte parecia ter reivindicado seu lugar, completamente imersa e madura no olhar angustiado do homem. Blasi conhecia os sinais e a marca — uma aura inconfundível de destino, mortalidade e obscuridade holística amaldiçoava a presença do homem como um brilho negro persistente.

O cardeal fez-lhe sinal para avançar enquanto retornava à velha árvore. "Leve sua carroça até a linha da mata." Recuperou a pá e caminhou em direção à entrada dos fundos do castelo, gritando: "Fique aí até que eu retorne com a resposta." O condutor obedeceu, abrindo caminho em meio a um mar de ervas daninhas enquanto conduzia cuidadosamente sua carroça por um campo de canas altas e marrons que estalavam sob suas rodas.

Blasi entrou no castelo e adentrou a área da lareira e da cozinha; encostou a pá num canto antes de fechar a porta. Ficou de pé, esfregando o suor áspero da nuca, ignorando o odor persistente de vômito e bile que o envolvia.

Ele ponderou o que fazer com seu novo hóspede no leito de morte — alguém que possuía carga suficiente para lhe fornecer amplas reservas para os meses de inverno que se aproximavam. Blasi sabia que, com a pestilência que agora devastava a cidade vizinha de Reims, o homem carregava em sua carroça talvez mais provisões do que todas as lojas da cidade. Mesmo com toda a atenção voltada para a razão, e com tudo o que o mercador havia prometido, Blasi não sabia o que fazer com aquele homem.

Para ele, o barril de vinho ocupava o primeiro lugar em sua mente como um elixir tentador, que Blasi sentia ser um ingrediente essencial de sua existência provisória, caso ele quisesse afogar as lembranças perturbadoras de Michael e Alsaë. Mais do que a comida ou a própria vida, o vinho era suficiente para acalmar sua culpa — para aplacar sua consciência, ainda que por um curto período.

Ele gemeu, chutando o lixo espalhado enquanto se aproximava de uma janela manchada. Acenando com a mão em meio a um enxame de moscas azuis e verdes, espiou através do vidro sujo e olhou por cima do campo coberto de talos para ver a carga do mercador, agora posicionada perto da linha de mata nos fundos. Uma figura se moveu e Blasi descobriu o homem em pé no alto de sua carroça, olhando ao redor, aparentemente inspecionando o terreno tomado pelo mato. Blasi sorriu de canto antes de se dirigir ao mercador em um sussurro, com um ar arrogante: “Ó, homem moribundo; você não consegue sentir sua onipotência?” Em cada respiração que você dá? Está em todo lugar — uma infestação de decadência crescente em cada movimento que fazemos. A morte é imortal — a essência da vida que sobreviverá a todos nós.” Ele deu uma risadinha de bêbado e cambaleou para longe da janela.

Blasi encarou o chão desarrumado enquanto seu sorriso desaparecia sob o endurecimento gradual de seu rosto. Sua testa se franziu, seu único olho bom queimando através das lajes. Só então ele percebeu o odor rançoso que impregnava o espaço ao seu redor. E só então notou a exibição pitoresca e a natureza-morta que centralizava o cômodo — uma grande mesa rústica e seu conteúdo gráfico. A mesa parecia um altar de sacrifícios bastante usado, com montes de linho sujo transbordando sobre ela. Manchas de sangue e outras excreções corporais endureciam o tecido em camadas rígidas de forma irregular. Em meio a elas, uma bacia de madeira incrustada jazia como prova de seus fervorosos esforços para se banhar e lavar a febre. Moscas brincavam em sua borda e Blasi franziu os lábios, encarando o espetáculo grosseiro.

“Não!” exclamou ele, abrindo caminho em meio ao lixo. “Você nunca vai—” Blasi agarrou a lateral da mesa e a empurrou com força, derrubando-a para o lado enquanto a tigela batia com força no chão. Nuvens de moscas se levantaram e o cômodo mergulhou num zumbido constante. “*Nunca!*” Ele saltou para trás, procurando freneticamente pelas paredes e pelo teto da sala como se estivesse à procura de algo em particular. Blasi abriu os braços e girou em círculos, rindo e gritando para todos ao redor: “Olhem para mim! Eu ainda estou aqui! Vocês não fizeram nada! Vocês não podem me tocar! Vocês me temem! Vocês nunca vão—” Blasi espantou as moscas, agitando as mãos em volta da cabeça, e perdeu o equilíbrio no lixo. Bateu com a cabeça no chão com tanta força que ficou atordoado. E ele jazia imóvel como um morto, a lembrança da voz de Michael assombrando seu ser: *'Eu sou'*

" *Vou ser um anjo e ter asas — e voar — muito, muito rápido — para que o Diabo não me pegue!*" Blasi gemeu e abriu os olhos, descobrindo sua mão ao lado do rosto, com uma mosca pousada em um nódulo ralado. Por um instante, ele ficou deitado sobre as lajes, observando o inseto esfregar as patas, seus enormes olhos carmesins o encarando. Então, a mosca alçou voo e circulou diante de seu rosto enquanto a voz de Miguel continuava em sua mente: "*Como... Isto, tio François! Como o vento? Veja como sou rápido?*" A mosca pousou brevemente no rosto de Blasi, inspecionando o rastro de uma nova lágrima que escorria da ponta do seu nariz.

Sob um zumbido de moscas, deitado nos destroços da outrora cobiçada e distinta propriedade Blasi, o Cardeal recolheu-se aos recônditos mais profundos de sua mente, a uma região completamente desconectada do tempo e do espaço — um lugar onde a melancolia, o desgosto e a confusão se misturavam a memórias distorcidas e sonhos perturbadores, manifestando um estado monstruoso e artificialmente fundido de complacência doentia, cinismo grotesco e misturas antinaturais de lembranças e reflexões absurdamente incongruentes, todas geradas e forjadas a partir de uma plácida e negra piscina de loucura abjeta. Não havia som era semelhante ao de madeira rachando ou vidro estilhaçado — nem mesmo um indício de *baque*, *pancada*, *rasgo* ou *tilintar* que pudesse sugerir algo quebrando. Não havia absolutamente nada, exceto um silêncio absoluto; contudo, na quietude daquele silêncio mortal e estado puro de transcendência, a mente de Blasi divagou, ainda que minimamente.

O semblante do Cardeal mudou completamente quando ele deu uma risadinha e se sentou ereto no chão. Ajeitou os cabelos despenteados e examinou as paredes do quarto com o olhar, os olhos vidrados e revirando como os de um bêbado. Acenou com a cabeça, sorrindo. "Entendo ." Levantou-se e bateu a poeira das calças. "De fato, *entendo* ", respondeu, colocando as mãos na cintura, continuando a encarar as paredes, "Vocês as tiraram de mim porque queriam me torturar com uma perda *íntima* — e me proteger dos efeitos desta pestilência mundana, quando todos os outros sucumbem a ela, porque desejam me manter vivo para que eu lhes dê uma longa vida de sofrimento, da qual vocês se alimentarão para sempre." Dispensou as paredes com um gesto petulante, recompondo-se. "Saíam *de* perto de mim — ó Morte e Desespero Sombrio — tenho um convidado *de verdade* esperando nos bastidores, ainda que por pouco tempo. "

Ajeitou as roupas, deu uma olhada na sua aparência como qualquer dignitário formal e correto que espera uma audiência, e saiu do castelo com um sorriso discreto, a testa erguida e o queixo levantado.

Blasi caminhou a passos largos por entre o mato alto e parou no meio dele, chamando o mercador e gesticulando para que se aproximasse. "Traga-se com sua carroça até a entrada dos fundos do castelo! O senhor aceita sua oferta: o vinho e os mantimentos em troca de hospedagem, comida e um enterro digno!"

O mercador balançou a cabeça. "É melhor que eu fique aqui, para que o patrão não atraia a pestilência para sua casa!" Blasi o observou descer da carroça e desaparecer no canavial, apenas sua voz indicando a direção em que se encontrava enquanto continuava: "Se o patrão quiser, posso ficar debaixo destas árvores enquanto seus soldados descarregam a carroça!"

"Ele *não* deseja isso", exclamou Blasi, acenando para que ele se afastasse com uma mão acolhedora, acrescentando: "Nem a assombração persistente, nem a iminente Mão da Morte são motivo de grande preocupação para ele".  
**o dono da casa, *Accueillir, Monsieur Labatut!***

Com exceção do chiado dos grilos, um breve silêncio pairou sobre o campo antes que o comerciante perguntasse a Blasi: "Ele *também* está morrendo?"

"Ele não é. Agora traga você e sua carroça, e só então ele atenderá ao seu pedido." Por cima do mato, Blasi viu o homem subir na carroça e conduzi-la em sua direção.  
"O senhor tem um sacerdote em sua casa?"

"Ele ficará, por um tempo, e atenderá às suas necessidades." Blasi fez um gesto em direção ao castelo enquanto retornava à entrada dos fundos.

"Você é aquele padre?"

Blasi gritou por cima do ombro, sem perder o ritmo. "Como você já deve ter percebido, eu..." Bom dia. Consagração, absolvição e extrema-unção parecem ser uma preocupação constante minha ultimamente . Venha! Tenho um quarto vazio e sede de vinho.

O mercador estacionou sua carroça ao lado da entrada e os dois homens começaram a descarregar, empilhando o conteúdo na área da cozinha da mansão. Quando já haviam levado quase todas as provisões para dentro da casa, o mercador tirou um saco de grãos do ombro, colocando-o dentro e sobre um saco semelhante que Blasi também havia empilhado. O mercador bufou e reclamou com a respiração pesada enquanto se encostava na mesa tombada: "Não imaginei que descarregar minha própria carroça fizesse parte do acordo." Ele observou as entradas internas que levavam para o interior da casa e para o andar de cima. Suspirou, enxugou o suor da testa e perguntou a Blasi: "Onde estão os homens do patrão ? Isso é um absurdo; estão dormindo? Estou morrendo de cansaço enquanto carrego essas provisões para mantê-los vivos." Ele balançou a cabeça e fez uma careta. "E o que fica aqui? O fedor... o desperdício... como o patrão permite isso...?" O comerciante examinou os lençóis sujos e infestados de moscas e se virou para Blasi, estudando -o. "A morte esteve aqui. Você é o único sobrevivente no castelo, não é?"

Blasi aproximou-se dele, encostou-se à mesa e balançou a cabeça. Olhou diretamente para o mercador e sorriu. "A morte deixou este lugar. E, na verdade, não há soldados; No entanto, o mestre *está* aqui."

"Não ouço tosse nem espirro — nenhum sinal de vida, a não ser essas moscas irritantes", rebateu ele.

Com os lábios franzidos e um gesto de desdém com a mão, ele perguntou: "Você é esse mestre?" Blasi deu uma risadinha. "Quanto a mim, só posso me perguntar como alguém tão proeminente e ao mesmo tempo tão esquivo." Ele olhou ao redor da sala com uma expressão fingida de grave suspeita enquanto sussurrava para o mercador: "O mestre está nos ouvindo até agora."

O homem estreitou os olhos antes de examinar a sala e falar em voz alta o suficiente para que todos pudessem ouvir: "Ao longo dos meus anos, convivi abertamente com reis e seus seguidores." vassalos." Ele apoiou as mãos nos quadris e dirigiu-se às paredes: "Sou Jean-Baptiste Labatut, Mestre Corretor de importações orientais." Como não obteve resposta à sua apresentação, questionou Blasi em um sussurro: "Se o mestre é tão proeminente quanto você diz, então talvez ele tenha um nome pelo qual eu o reconheça?" Inclinou-se para mais perto. "Seu título?" Blasi deu um tapinha no ombro do homem. "Ah, todos o conhecem. E em breve, você terá sua audiência com ele. Como acontece com todos os seus conhecidos, suspeito que ele aguarde a sua com genuína expectativa. Agora, vamos ao vinho; que tal?" Ele incentivou o homem a se mover e eles saíram do castelo.

O cardeal contornou a carroça e examinou uma insígnia discreta no barril de vinho quando o mercador se aproximou. "Por que até mesmo o título dele precisa ser tão secreto que você não pode nem sussurrá-lo para mim?"

Blasi deu de ombros. "Não é segredo. O mestre atende por muitos nomes, mas seu verdadeiro nome é "Morte." Ele voltou sua atenção para o barril, acrescentando: "Um nome bastante comum, porém nobre, para a mesma coisa — o que você acha?"

O mercador empalideceu e deu um passo para trás. "Acho que o padre escolheu suas palavras com muito mau gosto, considerando meu estado."

"Não lhe quero mal nenhum", respondeu Blasi, apontando para os dois túmulos sob a árvore. "Assim como não lhes quero desrespeitar. Vejo apenas aquilo que não posso deixar de presenciar. Na verdade, eu não gostaria de ver nada debaixo daquela árvore; contudo, vejo túmulos. Eu não gostaria de nada mais do que saber que meus irmãos caíram bravamente em Betânia, em vez de Crécy, e então descobrir que ressuscitaram dos mortos; contudo, vejo seus rostos apenas em meus sonhos. Eu não gostaria de ver nada percorrendo as ruas de Reims; contudo, a cidade está ocupada com a morte — você inclusive, e agora devo enterrar mais um."

E eu gostaria de descansar minhas pernas cansadas e tomar um pouco de vinho; no entanto, aqui estamos nós, no calor escaldante do dia, com o barril de vinho ainda na carroça, entretendo o mestre que eu tanto desprezo: a Morte." Blasi bufou e subiu na carroça.

Labatut seguiu-o, perguntando: "Seus irmãos estão debaixo da árvore?"

"Não. A morte está debaixo da árvore — está em todo lugar. O mestre até me reivindicou — eu também estou morto." Blasi gemeu, inclinando o barril suavemente para o lado enquanto dava a instrução.

O comerciante, ao ser orientado sobre como mover o barril com cuidado, disse: “Agora, devemos ser gentis com ela, para que não escape”. De repente, o cavalo deu um solavanco, desequilibrando a carroça e fazendo o comerciante cair sobre o barril. O recipiente rolou para a traseira da carroça enquanto Blasi se atirava sobre ele, impedindo que caísse no chão. Ele segurou o barril no lugar até que o vinho se acomodasse dentro dele. “Gentilmente, eu disse! Você anda como uma vaca!” Ele olhou com raiva para o rosto lamentável do comerciante antes de apoiar a cabeça sobre o barril. Então, respirou fundo. “Talvez eu tenha perdido a cabeça por um momento. Perdoe-me, Jean-Baptiste. É apenas preocupação; que este vinho é especial, como você mencionou.”

O mercador enxugou o suor dos olhos e rastejou até a parte de trás da carroça, dizendo: "Este é o melhor vinho de toda a França." Parou ao lado de Blasi, esboçou um sorriso e sussurrou: "E também testemunhei algo : um padre morto sofre de uma sede terrível por seu vinho especial. Poderíamos lhe fazer a vontade?"

Blasi assentiu com a cabeça.

Os dois homens trabalharam com o barril, posicionando um par de tábuas de apoio contra o carrinho para descarregá-lo.

Labatut ajustou a inclinação de uma das tábuas e conteve uma tosse. "Você sabe que a peste me atingiu, mas mesmo assim não se afasta de mim. Parece que o Senhor o abençoou, não é?"

Blasi ficou parado. Coçou a barba e ponderou, examinando brevemente o dedo antes de assentir. "Parece que sim. E, como testemunhei há pouco, um pequeno anjo..." "Desceu sobre minha mão e contou tudo." Ele se encostou na traseira da carroça, cutucando um arranhão no nó do dedo. "Então ficou claro para mim que perguntas difíceis não têm respostas difíceis, mas sim simples. Elas só parecem difíceis porque são." Não faz parte do que esperamos de uma resposta. Assim, nossas expectativas muitas vezes ditam o que aceitaremos como respostas confiáveis às nossas perguntas. Entendeu?

"Hum, não, não sei", admitiu o comerciante. "Eu apenas fiz uma pergunta simples. Por que você não está morrendo, como todos ao seu redor?"

Blasi se afastou do carrinho e riu, estendendo as mãos em sinal de agradecimento.

"Veja bem? Nem você consegue ver a resposta para a sua pergunta porque não consegue enxergar além do óbvio. aquilo que você espera ver."

Labatut franziu a testa. "Vejo que, ou você está falando em círculos, ou não quer me responder, ou há algo de errado com você."

"Ah!" exclamou Blasi, apontando o dedo para o ar. "Você respondeu à sua própria pergunta, embora se recuse a aceitá-la como resposta."

O mercador bufou e encostou-se à carroça. "Então, qual parte é a verdade? Que você se recusa a me responder?"

“Não, a última parte é a verdade — que há algo de errado comigo.” Blasi franziu os lábios e fez uma careta antes de continuar. “Quando você me perguntou por que eu não morro como todo mundo, você esperava que eu pudesse morrer. Consegue ver que você não consegue enxergar além do fato de eu estar vivo? Como eu disse, eu não estou morrendo porque já estou morto.” Ele riu. “Os mortos não podem morrer — não existe uma segunda morte.

Labatut levantou-se da carroça. “Você não está brincando. Você realmente acredita no que diz, não é?”

“Viu? A resposta não era difícil, afinal — apenas diferente do que você esperava.” Blasi assentiu, piscando o olho.

O comerciante dispensou Blasi e enxugou o suor que escorria de sua testa preocupada; “O dia está curto. Estou ficando mais fraco e você claramente precisa beber. Temos um barril de vinho para transportar e um enterro digno para providenciar. Vamos?”

Com meticulosidade, os dois homens conseguiram mover o barril para a cozinha, colocando-o em pé no canto mais interno do cômodo. O comerciante debruçou-se sobre ele, ofegando pesadamente. Blasi encostou-se à parede e recuperou o fôlego. “Onde estão os escudeiros do palácio quando precisamos deles?”

O mercador olhou para ele. “Quais escudeiros?”

Blasi balançou a cabeça e esfregou o ombro. “Escudeiros ou não, nós o movemos — precisamos dele.” “Nós? Vocês precisam disso.”

Blasi afastou-se da parede, curvou-se, levantou a barra da calça e começou a remover uma farpa do barril de vinho, que ele sentia estar ao lado do joelho. Ele cutucou a ferida enquanto falava. “Não, meu amigo; a parte mais dolorosa da morte é a sua hora final, e você implorará por este vinho quando essa hora chegar.”

O comerciante fez uma careta e endireitou-se ao examinar a perna exposta, com sua pele grossa, cheia de buracos e profundamente descolorida.

Blasi arrancou a farpa do joelho, lambeu o polegar e limpou um fio de sangue.

Ele se levantou e percebeu a expressão de desgosto do comerciante. “Foi apenas uma farpa — sobreviverei .” Blasi sorriu.

“Com certeza”, respondeu o mercador, “Mais do que a maioria”.

O sorriso de Blasi se desfez. “O que você quer dizer?”

“Quero dizer que você parece ter a sorte ou o azar de sobreviver a todos nós. ”

O comerciante apontou para a perna. “Você me mostra queimaduras que teriam matado qualquer outro homem.” E aqui está você, comigo — com a pestilência ao seu lado — e se preocupa mais com uma farpa do que com a morte.” O mercador assentiu, a suspeita se instalando em seu rosto. “Parece que você é mais do que apenas mortal. Quem é você?”

Blasi deu um sorriso irônico e ergueu as sobancelhas, fingindo mistério. “Talvez eu tenha sido abençoado por um anjo?” , assegurou ao mercador, dando um tapinha no ombro antes de...

acompanhando-o escada acima. “Só o Senhor sabe o que é melhor para todos nós. Agora, vou acomodá-lo. Você ficará confortável. Ao contrário da situação lá embaixo,

“O quarto de cima está arrumado e limpo.” Ele deu uma risadinha. “No geral, este lugar pode parecer o céu e o inferno, tudo numa só casa.” O mercador tentou parar na escada para olhá-lo, mas Blasi o empurrou para cima. “Não se preocupe. Como combinado, cuidarei de você e garantirei que seu enterro seja tão digno quanto o de qualquer homem de Deus merecedor. Por agora, você precisa descansar. E nós nos entregaremos a um bom vinho e à companhia uns dos outros esta noite.”

O tempo passou enquanto Blasi acomodava seu hóspede moribundo, oferecendo-lhe a hospitalidade do quarto de Alsaie no andar de cima. Assim, o mercador dormiu enquanto estacionava a carroça junto aos estábulos e cuidava de seu novo cavalo. Deu-lhe de comer e beber, finalmente o prendendo na última baía que outrora abrigara o indomável cavalo negro, que escapara. Passaram-se várias horas e, sob a luz de lanternas e o céu estrelado, ele retornou ao castelo. Acendeu lamparinas de óleo, abriu o barril e despertou seu hóspede adormecido com dois cálices e vinho suficiente em uma bacia de madeira para deixar até mesmo um par de cavalos em estado de embriaguez.

Blasi deslizou a bacia e as taças de vinho sobre a mesa de cabeceira. "Você dormiu boa parte da tarde. Como se sente?"

O homem se acomodou sentado na beira da cama. “Como se tivesse sido pisoteado pelo “O próprio diabo”, gemeu ele. Gotas de suor escorriam pelo seu rosto. “Sonhei que nós éramos cavando minha própria sepultura. Mas perdemos a terra. Eu estava procurando minha terra. Meu Deus.” Blasi o observou examinar o cômodo como se ainda a procurasse. Então, ele avistou a bacia e os cálices. “Você serviu o vinho?”

“Sim. Vamos?” Blasi fez as vezes de anfitrião, recolhendo os dois cálices vazios e oferecendo um ao seu convidado.

“Talvez daqui a pouco”, disse o homem, esfregando a garganta e engolindo em seco, o rosto se contorcendo como se estivesse sentindo dor. Blasi devolveu os dois cálices para perto da bacia e aproximou-se da janela. Cruzou os braços atrás das costas e fitou a rua da frente. Várias tochas distantes moviam-se em fila, à deriva lentamente na escuridão, talvez como uma coluna de espectros de fogo preguiçosos, atestando o êxodo em massa contínuo de Reims.

“Você disse que seu nome era Labatut?”, perguntou Blasi.

O homem tossiu e pigarreou. "Jean Labatut."

“Acho que me lembro.” Blasi se virou bruscamente e encarou as botas do comerciante. “Você disse que vem de Marselha?”

“Marselha, sim.”

“Diga-me, como você conseguiu este vinho?”, perguntou Blasi, apontando com um aceno de cabeça para a bacia.

Bem, eu venho de Avignon, mas sou originalmente de Marselha. Saí de Marselha quando a peste chegou pela primeira vez.”

“Aha!” Blasi estalou os dedos. “Você é Jean-Baptiste Labatut; o comerciante de Avignon cuja loja ficava em frente à ferraria — no beco que levava ao cemitério da Cúria, certo?”

“Eu—Sim. Como foi que—”

Com um sorriso, Blasi aproximou-se da cama, acariciando a barba, talvez como se estivesse desvendando um mistério. “E a sua fiel frota de carroceiros fazia viagens rotineiras ao porto de Marselha, onde negociavam secretamente barris de vinho com os navios mercantes genoveses em troca por importações vindas de Kaffa e destinadas a Gênova.”

“Já nos conhecemos?”, perguntou o comerciante.

“Mas não é qualquer vinho, entenda bem.” Blasi ignorou a pergunta e apontou com o dedo:

“Fermentação celestial das melhores uvas — esses barris vieram diretamente da Grande Adega da humilde residência de Sua Santidade : o Palácio Papal em Avignon.” Blasi deu uma risadinha.

“Como você sabe disso?” O comerciante se remexeu na cama, demonstrando visivelmente um crescente desconforto.

No entanto, o Cardeal prosseguiu, reforçando seu discurso. “Eu me pergunto como foi possível que os genoveses nunca tenham percebido as inúmeras discrepâncias ao comparar os navios...” registros do que eles descarregaram. E eu também me pergunto como os escribas do inventário do palácio não notaram tantos barris de vinho faltando.” Blasi exibiu um sorriso satisfeito. “A menos, é claro, que parte da mercadoria dos navios, ou parte dos barris papais, tenha sido registrada como inventário inicialmente.”

“Você não é padre. Quem é você?” O mercador o encarou com raiva.

“Na verdade, eu sou um cardeal.”

“E eu sou um cavalo voador”, cuspiu o homem.

Blasi riu. “Reconheci uma marca no barril antes de o movermos — a mesma marca que eu sempre gravava nas laterais dos barris de vinho e separava para os seus mensageiros recolherem . Eu só marcava os melhores barris da temporada.” Ele assentiu. “Parece que fomos parceiros de sucesso, por um tempo. Foi uma troca vantajosa para ambos, não é? Talvez seja uma bênção que finalmente nos encontremos, cara a cara, depois de tantos anos, por mais lamentável que seja em circunstâncias tão graves.”

“Sua Eminência? O Cardeal Jean-François Blasi?” perguntou o homem, incrédulo.

Blasi ergueu as mãos, com as palmas para fora. “Sou eu — seu fiel e antigo fornecedor de vinhos, novamente ao seu dispor.”

O comerciante deu uma risadinha. “Bem, então parece que você sabe parte da minha confissão.”

"Antes mesmo de eu contar." Ele balançou a cabeça. "E eu frequentemente me perguntava o que esse Cardeal fazia com as importações que eu lhe negociava."

Blasi tirou uma flor de papel de caule longo de um vaso próximo e respondeu com a sobrancelha arqueada: "Como você deve saber, o Colégio de Cardeais é composto por mentes divergentes. É preciso garantir o apoio leal de outros de vez em quando — presentes e coisas do tipo. Ser um Comerciante, presumo que você entenda o que quero dizer", Blasi girou a flor e sorriu de canto. e piscou para ele.

O comerciante deu uma risadinha. "Você não é melhor do que eu, pela sua participação nisso."

"E eu nunca afirmei isso. No entanto, esses dias já passaram e nossos feitos foram há muito enterrados sem registro. E ainda hoje, nem a gloriosa Santa Sé, nem a magistral nobreza genovesa notam nada que não tenha sido contabilizado — ambas têm o hábito da superabundância ." "De tudo." O Cardeal sorriu fracamente, inspecionando as pétalas de papel da flor com os dedos. "Essa é a cegueira apática das sedes de todas as grandes autoridades, não é?"

Blasi cheirou a flor esfarrapada e soprou a poeira de suas pétalas. "No entanto, parece que uma desgraça semelhante nos atingiu a ambos. Você não é mais o rico mercador que eu conheci; e eu não sou mais o cardeal astuto de que você se lembrava." Ele jogou a flor no chão e cruzou as mãos atrás de si. Balançou os calcanhares. "Ah, mas você pode achar curioso saber que uma de suas importações genovesas contrabandeadas agora está no Palácio de Sua Majestade — um curioso tripé para cozinhar ovos. Ele continha duas lamparinas de óleo, com dragões azuis pintados."

"Lembro-me de um dispositivo desses — uma *Janela Ovo*, batizada posteriormente por Sua Majestade — três deles na minha última viagem a Marselha. Meu mensageiro os reuniu por serem de valor excepcional — a única razão pela qual os aceitou em uma troca. O mercador empilhou travesseiros contra a cabeceira e se apoiou na posição vertical. "Então, era um presente para o Rei ?"

Blasi aproximou-se da mesa lateral.

"Não exatamente—mais como parte de uma troca."

"Para que?"

Blasi riu. "Bem, se você precisa saber: para garantir um exército."

"Um exército?" O homem o encarou com um olhar crítico. "E eu sou um corcel vermelho flamejante. Mas conte-me tudo."

"Se eu contasse tudo, você certamente não acreditaria em mim." Blasi mergulhou os dois cálices na bacia. "Talvez agora possamos beber um pouco do vinho?" Ele ofereceu sua hospitalidade ao mercador, que pegou a taça e disse: "Sim, talvez afaste a febre — e, se Deus quiser, até a própria morte." Ele fez um brinde a Blasi e bebeu metade do cálice de uma vez.

"Argh!" rosnou o mercador, com vinho escorrendo pela barba. Blasi sentiu o cheiro do próprio cálice e tomou um gole. "Está amargo", reclamou Blasi, estalando os lábios. "Há quanto tempo o vinho está aberto ao calor do dia?"

"Desde então, Avignon. Após ouvir as notícias da chegada da peste a Avignon, apressei-me a ir para lá." para carregar a carroça. Esqueci de tampar o barril." O homem limpou os lábios na manga. "O sol a matou", concluiu Blasi.

O mercador engoliu o resto da bebida do seu cálice, inclinou-se para a mesa e encheu-o novamente. "Bem, os moribundos não bebem para saborear", declarou, enquanto se recostava nos travesseiros e brindava ao Cardeal mais uma vez.

Blasi ergueu o cálice, engolindo o resto do vinho com o rosto rígido. "Nem os mortos", gemeu. Ele também mergulhou o cálice na bacia para reabastecê-lo.

"Você não acha mesmo que está morto, acha?", perguntou o mercador, dando uma risadinha. Ele ergueu os olhos e encontrou um olhar bastante severo — uma expressão bem sincera. Seu sorriso se desfez e, naquele instante, talvez Labatut tenha vislumbrado uma semente de loucura, plantada no sacerdote que agora o observava. O mercador desviou o olhar e contemplou a janela escura. Então, murmurou com a sobrelha arqueada: "Bem, certamente espero estar tão morto quanto você no fim; admito." Brindou na direção do sacerdote e virou mais um gole. Em seguida, mergulhou o cálice de volta na taça de vinho. Gemeu. "Meu estado piora." Enxugou o suor e aconchegou-se nos travesseiros, segurando o cálice com as duas mãos e um sorriso, talvez, como uma criança ansiosa pela história de ninar. "Então, conte-me sobre esse exército que você conquistou e o que eu não acreditaria. Ah, e sobre seus ferimentos na perna, se não for muita gentileza

Blasi se virou e começou a andar de um lado para o outro no quarto, passando pela peseira da cama e achatando a flor de papel. Mesmo assim, seus olhos fitavam o chão, fitando seu passado. "Bem, eu presumo..." Não importa mais. Não é um segredo tão sagrado que um morto não possa confessá-lo a um moribundo. Ele caminhou mais um pouco, absorto em profunda reflexão.

O mercador insistiu: "Então prossiga! Para que este mercador moribundo não morra antes mesmo da confissão do cardeal morto!" Blasi se virou bruscamente. Eles se entreolharam e riram baixinho.

"Muito bem", disse Blasi, "Tudo começou em Avignon — no Château Rouge, onde me deparei com um espetáculo espantoso." Blasi caminhava de um lado para o outro na sala com seu cálice, mantendo o olhar fixo no comerciante enquanto este lhe contava sobre sua conversa íntima com o espectro de seu irmão morto — sobre sua relutância em assassinar um cardeal para extrair segredos incríveis da Santa Sé — de seu astuto esquema para roubar páginas fortemente guardadas que descreviam o funcionamento das portas do Inferno, o próprio — de sua maestria

orquestração de uma conspiração contra um Papa desavisado que lhe valeu a manutenção de um O exército do rei — de seu cerco sem precedentes a uma abadia fortificada, com poucas perdas de vidas — de Ele libertou demônios que iriam destruir todos os exércitos da Inglaterra — e, por fim, culminou no desmoronamento de seus planos devido à imprudência de um capitão impetuoso e repreensível. Ocasionalmente, o mercador se movia para falar, mas Blasi prendia sua atenção com o mesmo fervor de oratória incessante que o caracterizava quando, muitas vezes, era o orador excepcional que dominava o plenário do Colégio de Cardeais. E durante todo o tempo, Blasi continuou a encher as taças de ambos até que todo o vinho da bacia fosse consumido.

Labatut refletiu sobre a origem de sua preocupação, agora intensificada, e encontrou o culpado. Por mais minúsculo que parecesse, ainda assim evidente para ele, um novo e antinatural brilho emanava do olhar do Cardeal — um brilho peculiar que ele não havia notado inicialmente. Parecia que Blasi o observava de duas direções opostas, com um olho bom espiando por cima de seu ombro e um olho mau fitando completamente sua alma. Ele sentia o olho branco olhando dentro dele, e em todos os lugares ao mesmo tempo.

Blasi saiu brevemente da sala com a bacia vazia, apenas para retornar com uma jarra ornamentada de três pés, repleta de vinho. Mesmo enquanto a colocava sobre a mesa de cabeceira, o mercador recuou apressadamente e se afastou dele com cautela. Blasi fingiu não notar, pois estava particularmente absorto na tarefa de encher e inspecionar a taça do doente, com tanto cuidado que talvez sugerisse que o vinho era uma dose precisamente medida de remédio. "Um pouco mais deve amenizar esses sinais agora mais evidentes de sua enfermidade", afirmou Blasi com a confiança de um médico experiente. Ele estendeu a taça cheia e um sorriso persuasivo ao seu paciente aparentemente acamado. No entanto, o mercador apenas o encarou. "Tome a taça", insistiu Blasi, "Beba dela. Afogue sua aflição." Mesmo assim, os olhos do mercador percorreram a sala como se buscassem uma saída rápida. Na penumbra do candelabro, Blasi viu as gotas de suor escorrerem pela testa do homem. "Sua doença lhe causou febre."

Recomponha-se e obedeça ao que eu digo. Insisto que beba enquanto ainda tem forças para segurar uma xícara." Blasi inclinou-se ainda mais sobre a cama. "Beba!" ele rosnou, recusando-se a reconhecer o círculo crescente de urina no colo de seu convidado.

O vinho espirrou quando o mercador atirou o cálice da mão dele com um tapa. "Fique longe! Não bebo mais com gente como você!"

"Como desejar", respondeu Blasi calmamente, endireitando-se e limpando os respingos de vinho de suas roupas. Ele se virou e voltou sua atenção para encher a própria taça.

"Infelizmente, devo continuar bebendo com gente como eu; e em breve, as dores crescentes da sua saúde debilitada o obrigarão a fazer o mesmo." Com um completo

Com a xícara na mão, Blasi retornou ao seu posto autoimposto e ficou ao lado da janela, dando ao homem amplo espaço para recuperar a compostura. Blasi tomou sua xícara aos poucos, passando o tempo com uma conversa aparentemente irreverente e uma ladainha de introspecção anormal e profecias sinistras, impróprias até mesmo para os homens menos comprometidos da Igreja, especialmente um Cardeal do Colégio.

Blasi prosseguiu com um murmúrio, o rosto pressionado contra o vidro da janela, fingindo enxergar através da escuridão da noite e estudar o fluxo constante de transeuntes infectados pela peste: “Olhem para eles, caminhando como uma coluna de cadáveres. Já estão todos mortos. Vejam como lutam em sua condição desesperadora, movidos apenas por doces lembranças e devaneios persistentes.” Ele suspirou profundamente, saboreando suas memórias antes de oferecer uma conexão incomum, combinando previsão e retrospectiva: “Ao amanhecer, descobriremos ainda mais deles devaneando à beira da estrada; com sorrisos satisfeitos, nus e moscas brincando em seus olhos. Se ao menos soubessem a verdade sobre si mesmos, parariam de fingir vida e se aquietariam. Eles caminham, fingindo viver. Somente na morte compreenderão a totalidade de sua condição; que foram tolos por tentarem sobreviver em um mundo onde a Morte está intrinsecamente ligada à sua própria essência. No fim, nada de significado terreno permanecerá sagrado. E que bem maior pode sobreviver às esperanças e aos sonhos se tudo se perde para seres como moscas?”

“Não acredito que você seja um padre”, resmungou o mercador. “Quem é você?”

“Quem sou eu?” Blasi deu uma risadinha. “Se eu lhe contar como aconteceu, então você saberá quem eu sou. Tudo começou de forma bem simples.” Após uma pausa em silêncio, ele pigarreou e falou:

“Quando eu era apenas um menino, vi uma fila animada de formigas subindo pela lateral de uma grande árvore, mesmo com seus galhos mais altos em chamas por causa de um raio recente. Conforme a coluna subia pela árvore, as formigas queimavam e caíam no chão. Eu as tirei da casca, mas outras seguiram o mesmo caminho. Cuspi em seu caminho, mas elas contornaram a saliva e continuaram sua marcha ascendente. Cheguei a esmagar algumas delas, na esperança de que as outras percebessem o perigo e voltassem, mas elas continuaram rastejando ao redor das mortas e subiram em direção ao fogo.” Blasi balançou a cabeça e deu uma risadinha. “Na minha missão infantil e bastante tola de salvar aquelas formigas das chamas, um galho que caiu quebrou minha perna e quase me matou. O momento foi o melhor que pude fazer.”

de mim, até o âmago da minha alma, a ponto de alterar o curso do meu destino — de futuro cavaleiro a bispo.” Ele estalou os dedos. “De um mero formigamento a um cardeal universitário, agora você me conhece como eu sou.” Blasi se afastou da janela e encarou o mercador, preparando-se para se apresentar de braços abertos — com um gesto de humilde esplendor. Em vez disso, em um torpor alcoólico, tropeçou na mesa lateral.

fazendo com que seu vaso se espatifasse no chão. Ele deixou cair seu cálice e caiu para trás, rachando. Ele encostou-se ao vidro da janela antes de se firmar no parapeito. Seus olhos estavam fixos nos pés, onde cacos de um vaso quebrado jaziam espalhados entre flores de papel rasgadas.

“Formigas morrendo—hum— moscas brincando—hum.” O mercador zombou e gemeu enquanto se sentava na beira da cama, calçando as botas.

“Você não precisa de sapatos”, afirmou Blasi, cambaleando em sua direção. “Você precisa descansar. O que está fazendo?”

“Fique na sua!” O mercador apontou o dedo para ele e gritou: “Mantenha distância!”

Blasi parou abruptamente, no meio do passo. “Por que você precisa se vestir de novo?”

O homem ajustou as roupas. Por baixo de mechas de cabelo suado e desganhado, ele manteve Com um olhar acusador fixo em Blasi, ele rosnou: “Para corrigir o que está errado. Devo me retirar desta mansão do pecado — e deste espírito autoproclamado e blasfemo que se venera como o venerável e eminente Cardeal Blasi!”

Blasi olhou para a jarra de porcelana ricamente pintada, com sua superfície brilhante de minúsculas flores azuis e sua generosa reserva de vinho intocado. Ele perguntou: “E o que resultará do nosso acordo?”

O homem fez uma careta de dor devido ao agravamento de seu estado. Ele jogou o cabelo para trás e Olhou diretamente para o Cardeal. “É seu — minhas mercadorias; minha carroça; meu cavalo — tudo . Só preciso de mim para onde devo ir.”

Blasi agora via o homem como um estranho — uma pessoa completamente diferente do comerciante que conhecera recentemente. O homem parecia machucado e inchado, como se tivesse sido espancado repetidamente; e, sob a luz precisa das velas, suas feições visivelmente estranhas brilhavam com uma camada uniforme de suor. Sua cabeça, no geral, parecia simiesca, com um rosto grotescamente encovado.

“Olha só para você”, exclamou Blasi com um toque de desgosto, “Você morre enquanto fala!” Não há outro lugar para se refugiar. Descanse!

O mercador assentiu com a cabeça e cambaleou em direção à porta. “Fiquem tranquilos, eu irei — em paz e sem a companhia do Mal.” Ele saiu da sala, descendo cuidadosamente a escadaria aberta, apoiando-se nas pedras da parede para dar suporte aos passos. Blasi o seguia, insistindo para que o homem se recolhesse à cama. Contudo, o mercador ignorou os apelos de Blasi e continuou, zombando dele a cada passo que dava: “O senhor da minha casa é a Morte! Estou vivo, mas estou morto! Conpiro contra Sua Santidade e a Igreja! Sou um assassino de cardeais, abades e frades! Abro os próprios portões do Inferno! Vamos brincar com as moscas nos olhos deles!”

“Eu não disse nada disso!” respondeu Blasi. Ele encostou o queixo no peito e vasculhou sua memória confusa antes de perguntar, incrédulo: “Eu disse isso?” Parou em um degrau e deixou o cálice cheio balançar ao lado, respingando vinho desajeitadamente em suas roupas. “Que nós Poderia brincar com moscas?” Ele encostou a cabeça pesada na parede e soltou uma risadinha irônica. “Talvez o vinho tenha me embotado. Por favor, me perdoe; eu faria bem em controlar minha língua.” Ele então correu atrás do mercador, que continuou andando sem parar, e agarrou seu braço. “Não! Não direi mais nada. Venha; você precisa voltar para o quarto!”

O mercador se desvencilhou da mão que o segurava, saiu das escadas e atravessou a cozinha a passos largos, apoiando-se na lareira de pedra. Procurou por onde havia passado e encontrou seus pertences, empilhados em grande quantidade e ocupando quase todo o cômodo. Do outro lado, uma lamparina a óleo acesa repousava sobre seu barril de vinho, e sua chama bruxuleante lançava um olhar sinistro sobre o espaço desarrumado. Ele encarava as sombras flutuantes no chão enquanto repreendia Blasi com acusações indiretas: “E suas pernas já estão curadas quando a maioria dos homens já teria morrido de dor por causa disso.” tais ferimentos. Como poderia ser, senão... ah, sim... porque o céu lhe desejou o bem!

O homem cambaleou até o chão e rastejou apressadamente pelas sombras — por entre muitas curvas e voltas, num labirinto que ele mesmo construiu com suas mercadorias. A escuridão o engoliu, deixando apenas sua voz para clamar: “Saint Denis, proteja meu caminho! Proteja-me!”

Blasi gritou na direção da voz do mercador: “De quem ou do quê ele deve te proteger? Recupere-se! A peste te deixou gravemente doente.” Blasi cambaleou depois ele, derramando seu vinho. “Volte, eu digo!” Pilhas sombrias desmoronaram umas sobre as outras num crescendo de tons contrastantes enquanto panelas e frigideiras tilintavam, e copos e porcelanas se estilhaçavam contra as lajes. “Eu te vejo aí! Controle-se!” Você enlouqueceu!

O homem saltou de um canto escuro e girou com uma pá na mão, a lâmina passando a poucos centímetros do rosto de Blasi. O brilho fraco da lâmina convenceu Blasi a levantar a mão. mãos — e seu cálice. O mercador empurrou a ferramenta em direção ao rosto do sacerdote, demonstrando determinação. “Devo cavar *sua* sepultura esta noite?”

“Não precisa”, respondeu Blasi, cedendo. “Devo preparar o seu, como você queria?”

“Não precisa! Afaste-se de mim”, cuspiu o mercador.

Blasi piscou e recuou alguns passos antes de limpar a saliva do mercador debaixo de si. seu olho. “Como desejar, Monsenhor Labatut. Não lhe quero mal algum.”

“Você está em conluio com o Diabo, disfarçado de padre”, rosou o mercador, golpeando Blasi com a lâmina e empurrando-o ainda mais para trás, através de montes de entulho espalhados.

Objetos espalhados pelo chão.

Blasi tropeçou desajeitadamente na miscelânea, mas conseguiu evitar que seu cálice derramasse. O mercador fugiu apressadamente da esquina, caminhando com passos firmes sobre os destroços, enquanto se apressava em direção à porta dos fundos do castelo, resmungando: "Fiquem com tudo — cada especiaria derramada, cada colher quebrada e cada gota amarga de vinho! Só esta pá insignificante é minha", rosnou, agitando a pá no alto. Em seu breve olhar para trás, o branco de seus olhos selvagens poderia ter ofuscado até mesmo a luz da lamparina. "Ah, sim!" Blasi concordou com o mercador enfurecido; "É seu; como você diz! Leve -o."

O homem se virou e parou onde estava. Os dois se encararam tempo suficiente para apreciar o zumbido monótono dos grilos numa noite de verão, e o calor sufocante e o cheiro ruim persistente dentro da casa.

Blasi respirou fundo e quebrou o silêncio: "Então, o que você pretende fazer com a pá?" Ele tomou um gole de vinho, trocando olhares entre a lâmina da ferramenta e a...

O olhar penetrante do homem, reflexo de sua insanidade causada pela doença.

O mercador finalmente soltou uma risada ansiosa. "Não, Monsenhor; o senhor não é um homem de Deus. Um cão se afogando encontraria mais promessa de paraíso do que um homem na sepultura que o senhor prepara para ele! Vejo o senhor como o pior dos demônios, escondendo sua língua bifurcada sob uma fachada de piedade enquanto permanece para sempre sem controle, tecendo sua maldade." "Eu sou quem digo ser", declarou Blasi. "Eu sou o próprio Cardeal que o auxiliou em seus negócios anteriores." Ele apontou para o barril de madeira. "Esse mesmo barril veio da Grande Adega de o Palácio Papal, do qual fui o único responsável." Em seguida, inclinou o cálice em direção ao mercador, como que a brindar. "Mesmo amarga, reconheço esta uva em particular pelo seu sabor; não é uma variedade comum. Além disso, reconheço-me como um homem de Deus e da França; por mais sinistro que eu possa parecer a pessoas atormentadas pela peste ou... cães se afogando, como você insiste em dizer. Dito isso, minha oferta permanece válida: sepultá-lo-ei com toda a reverência, rito e oração que se esperaria de um sacerdote experiente."

O mercador examinou suas mercadorias espalhadas, aparentemente ponderando a oferta, como se a estivesse ouvindo pela primeira vez. Voltou sua atenção para Blasi e apresentou-lhe a pá. ameaçadoramente. "E?"

Por meio de um tênue feixe de luz que rompia as sombras e banhava o chão, Blasi detectou um pequeno cavalo em meio às provisões espalhadas — pedaços da estatueta de porcelana jaziam sobre as lajes, pisoteadas desde então. A cabeça de um pequeno cavalo pálido estava ao lado do calcanhar da bota do mercador. Assim como o mercador, Blasi se virou e inspecionou o mesmo ambiente desordenado, aparentemente se reorientando para um panorama muito mais amplo enquanto ruminava mentalmente o que imediatamente lhe pareceu uma

Estado individual e aparentemente enigmático de referências circulares e satíricas. Uma reviravolta e tanto. Ao refletir sobre os acontecimentos, percebeu que o brinquedo de porcelana agora quebrado havia sido um presente dado anteriormente ao seu sobrinho. que ele adquiriu em negociações secretas de mercadorias contrabandeadas de navios genoveses e que, muito provavelmente, vieram do próprio mercador que estava diante dele. Da mesma forma, o barril de vinho agora amargo sem dúvida veio de negociações indiretas anteriores do mercador com ele, quando Blasi rotineiramente contrabandeava barris dos depósitos da adega do palácio papal em troca de importações raras, que ele então usava para trocas entre estudantes e subornos políticos — importações raras *exatamente* como a estatueta de porcelana do Extremo Oriente quebrada.

"E daí? O que acontece depois? Desembucha!", gritou o mercador, estreitando os olhos, como se quisesse pressionar Blasi a revelar os detalhes contratuais deliberadamente discretos de uma trama faustiana ou um pacto diabólico.

Blasi suportou a postura inquisitiva do homem com um sorriso cansado e um tom impassível em sua resposta final: "E... usarei essas outras palavras a seu serviço." Afinal, de que outra forma você encontrará o paraíso sem que eu ore em outras palavras? "Com palavras diabólicas e maldições? Ah! Como eu suspeitava", exclamou o mercador, apontando a pá para o Cardeal. Mas Blasi permaneceu imóvel, encarando fixamente o cavalo quebrado, perdido na lembrança de um jovem que outrora voara mais rápido que qualquer anjo — e talvez com tanta força que um vento benevolente o notou e o levou embora. O menino conhecia tudo aquilo, um mundo devastado pela presença de uma pestilência malévola e ímpia .

Blasi mordeu o lábio e assentiu com indiferença. "Infelizmente, devo insistir que se retire agora desta mansão e de seus terrenos. Pode levar a ferramenta que tem na mão e tudo o mais que conseguir carregar; contudo, o cavalo e o barril de vinho de Sua Santidade permanecem como dízimos e bens da Santa Sé."

"Não preciso de cavalo! E pode se afogar no vinho — poupe-nos da miséria da sua pessoa desprezível e imperdoável", rosnou o homem.

Blasi respirou fundo e arqueou uma sobrancelha. "Sem *mais delongas*, confio que você encontrará o seu caminho, sim?"

"Sim, farei isso", resmungou o mercador, abaixando a pá. Recuou em direção à porta e a abriu por trás das costas. Uma brisa fresca banhou o cômodo, revelando um leve aroma de chuva. Grilos cantavam ao longe. "Tenho uma sepultura para cavar enquanto eu Tenho os meios. E não tente me seguir." Um clarão no céu noturno o revelou brevemente como uma mera silhueta para Blasi.

Blasi tranquilizou o comerciante. "Não se preocupe, *Monsenhor Labatut*. Eu me conformei com isso." "Permanecer aqui, consumido pela minha própria avalanche de assuntos." Ele inclinou o cálice e examinou o nível de vazio em sua taça. "A ponto de me afogar neles."

Ele observou o mercador arrancar mechas de cabelo encharcadas de suor do rosto, colocar a pá sobre o ombro e sair para a noite. Blasi o seguiu cautelosamente até a porta, antes de se encostar apaticamente no batente. Girou o cálice, fez um brinde sem entusiasmo na direção do convidado que partia e fez uma careta ao beber. Os últimos goles de vinho estragado. Ele suspirou ao som do trovão.

Aparentemente, o mercador viu seu gesto e gritou de volta para Blasi: “*Oui! Salut, Diable!*” Blasi reentrou no castelo e trancou a porta dos fundos, com a mente livre de tudo, exceto uma bacia cheia e uma cama vazia, ambas que ele pretendia usar como indulgência perpétua.

Do lado de fora do castelo, o moribundo cambaleava por entre ervas daninhas cada vez mais altas, afastando fios quebrados de teias de aranha, casulos esfarrapados e sarças espinhosas, enquanto rezava para Deus, Jesus, São Cristóvão e todos os outros mártires abençoados que pudessem ouvir seu pedido de orientação. De costas para a estrada, ele se posicionou nos fundos da propriedade e seguiu em uma missão autoimposta, tropeçando em direção ao horizonte negro de uma floresta intocada — para ele, a morte havia se tornado uma questão pessoal, que não deveria ser compartilhada com ninguém além dele mesmo e de Deus. Infelizmente, apenas relâmpagos iluminavam seu caminho, o brilho de outrora das estrelas agora se dissipando atrás da camada de nuvens de uma tempestade iminente. E sob o céu ameaçador, um clarão celestial revelou um par de botas verdes, de cano alto, bem-feitas, com costura dupla, com borlas nos punhos e fechos de metal, tudo isso em meio a um mar crescente de ervas acabou se afogando.

Foi a primeira e a última vez que o Cardeal Blasi teve a sorte de desfrutar de um encontro pessoal, talvez há muito esperado, com o outrora proeminente comerciante Jean-Baptiste Labatut, mestre corretor das melhores importações do Extremo Oriente e vinhos selecionados a dedo que a França já conheceu.

~\*~

Morte e destruição eram tudo o que restava. A infestação negra se espalhou por todas as cidades e vilas da França, silenciando seus corações comunitários com sua presença destrutiva e implacável. Camponeses humildes se comportavam como moradores revoltosos, arrasando aldeias inteiras, abraçando uma noção comum e absurda: a de que nenhum mal prevaleceria na França enquanto tivessem a audácia de incendiar todas as suas cidades. Contudo, o contágio se alastrou entre as multidões desordeiras como um incêndio florestal, deixando-as tão negras quanto a pró-

cinzas dos edifícios que eles queimaram.

Em um esforço desesperado para esclarecer o funcionamento e as origens da Grande Peste, em outubro de 1348, o rei Filipe recorreu ao distinto corpo docente da Universidade de Paris. Imediatamente, um conselho eleito, composto por membros de diversas disciplinas, reuniu-se, deliberou em segredo ritualístico e apresentou suas conclusões a Filipe em um documento chamado *Tratado do Conselho de Paris*. O esforço coletivo apontou várias causas possíveis para a peste, incluindo alinhamentos planetários, vapores subterrâneos liberados por terremotos e partículas venenosas transportadas por ventos úmidos provenientes de pântanos em decomposição. Contudo, o documento era meramente uma coleção de especulações que pouco contribuiu para revelar uma causa ou cura. E embora o Diabo não estivesse presente nos detalhes do documento — mesmo que o Mal estivesse ausente de seu cânone de causas —, a exposição clínica foi, de resto, uma tentativa válida de abordar a existência aparentemente abrupta e enigmática dessa abominação implacável. Até então, quase dez milhões de europeus estavam demasiado absortos com a morte para se preocuparem com as causas. Afinal, no fim das contas, os mortos permaneciam mortos — na maior parte dos casos.

A Peste Negra era um inferno de fogo furioso, queimando a face da Europa e devastando a Humanidade, que não passava de uma muda em meio a uma tempestade de fogo. Como braços em chamas, as linhas de avanço da Doença do Diabo penetraram ainda mais no interior, estendendo-se para o norte e oeste para alcançar territórios intocados, enquanto consolidava seu domínio sobre todo o continente. Um a um, de ponta a ponta, os países se contorciam como mapas em chamas.

A Espanha entrou em erupção, deixando grande parte de suas cidades expostas a um conceito bastante inédito: cemitérios sem terra. Na seca de um verão implacável, a peste assolou suas cidades e, no calor sufocante, seus moradores não conseguiam discernir se transpiravam pelo calor da estação ou por uma febre repentina. A maioria dos habitantes poderia ter atribuído a culpa ao calor do dia, mas metade não conseguia descartar facilmente os novos brotos negros sob as axilas como mero suor ou vapores. De fato, a peste era uma executora rápida e indiscriminada; os saudáveis se recolhiam à cama apenas para jazerem rígidos ao amanhecer. E com a seca prolongada e o calor sufocante na Espanha, a água fresca e limpa era como prata líquida. Infelizmente, muitos dos poços comunitários estavam contaminados com os restos mortais de vizinhos em decomposição. Alguns acusaram os judeus de profanar a água; outros, os muçulmanos; mas, curiosamente, com um evento tão apocalíptico atingindo em cheio uma população cristã, apenas alguns culpavam o Diabo. Contudo, para os idosos que, debilitados demais para fugir de suas casas, ousavam sequer considerar um único gole da água dos poços, a escolha era tão clara quanto a água que tanto desejavam: ceder à doença ou evitar a desidratação. Mesmo assim, em meio ao desespero e à angústia, eles

Do cálice, rezaram profundamente e se juntaram aos seus vizinhos nos cemitérios imaculados das cidades.

Em outros lugares, as cidades e vilas da Inglaterra sucumbiram, assim como as da Espanha. Mesmo com regulamentações portuárias rigorosas em vigor, a pestilência era um ladrão na calada da noite, infiltrando-se sorrateiramente. através de cursos d'água e passando sorrateiramente pelos portos de Londres e Bristol. Uma vez em terra firme, a contaminação explodiu. Médicos, padres e políticos saltaram para seus túmulos; e como um mar de lemingues ulcerados, metade da população das cidades seguiu o exemplo. No verão de 1349, a peste avançou para o norte, devastando o interior da Inglaterra, abrindo caminho pelas cidades congestionadas de Norwich e Chester enquanto se espalhava por Wexford, na Irlanda. No final do ano, a Peste Negra contaminou todas as cidades mais ao norte da região, incluindo Edimburgo, na Escócia. Anéis negros em torno de gânglios linfáticos rosados — com buquês de flores nos bolsos para afastar a decadência, mais de um terço da Europa espirrou e morreu.

O tempo girava como os olhos de um moribundo, e os dias se sucediam como a respiração ofegante de uma morte certa. Homens e mulheres evitavam as cidades em busca de alimento. Em vez disso, vasculhavam campos abandonados, caçavam em florestas intocadas e exploravam riachos nas montanhas, desesperados em suas tentativas de reunir alimentos suficientes para sobreviver ao inverno. As famílias se escondiam atrás de portas, que marcavam de vermelho do lado de fora e reforçavam por dentro com pilhas de pedras pesadas; ferramentas agrícolas encostadas nas paredes adjacentes serviam como armas, sempre à mão. E quando o inverno finalmente chegou, muitos moradores da França central estavam muito preocupados com as portas como possíveis pontos de entrada, dando pouca atenção à segurança de seus tetos.

Os demônios da Pedra de Entrada da Abadia nunca chegaram ao destino pretendido pelo Cardeal Blasi — a cidade francesa de Calais e seu exército de ocupação inglês. Em vez disso, impulsionadas unicamente pela escuridão da possessão demoníaca, essas estátuas quiméricas voadoras vagavam pelos céus franceses ao entardecer, espalhando-se com a névoa igualmente densa e cortante, até finalmente alcançarem os arredores da vila de *Murat*, onde se chocaram contra telhados de palha, causando destruição implacável.

A gravidade do que esmagou a vila de Murat só poderia ser melhor medida e apreciada por uma minoria dos servos do submundo; aqueles demônios mais antigos e experientes dos traiçoeiros reinos do Tártaro, que serviam como supervisores no Palácio de Hades. De fato, a eles era concedida tamanha liberdade que podiam conceber muitas das agonias mais indizíveis do Inferno. Esses demônios, que possuíam as estátuas grotescas de antigos grotescos erguidos em catedrais, eram...

meramente criações espirituais das legiões condenadas de Lucifael. As figuras de pedra não eram movidas por sua antiga existência de carne e osso. Elas poderiam facilmente ser comparadas a nada mais do que 'pedras voadoras', habitadas pelos espíritos de demônios que lançavam suas almas perversas através do portal da Pedra Portal parcialmente comprometido, com seus verdadeiros eus ainda aprisionados no Inferno, já que apenas duas das três Pedras Portal que compõem o Grande Selo haviam sido '*destrancadas*'. Simplificando, enquanto a Pedra Portal do Mosteiro de Cancelló permanecesse fechada, por mais enfraquecido que o Grande Selo pudesse estar, ele ainda servia ao seu propósito. propósito divino e predestinado; e esses demônios do submundo só podiam atormentar o mundo na forma incorpórea de espíritos possessores, espectros, demônios azuis, íncubos, súcubos e outros seres malignos semelhantes. E de todos os íncubos e súcubos lançados no Inferno — e eram muitos —, Lúçifer reinava como *Rainha Súcubo*, sendo a principal torturadora e fornicadora espiritual, projetando sua imagem e desejos perversos sobre os Filhos do Homem adormecidos e indefesos, e deixando legiões de descendentes conjurados de Eljo e Elioud, de carne e osso terrenos, espalhados pelo mundo em seu rastro perverso. E ela tinha pouco desejo maternal de garantir a segurança deles — em vez disso, como Lázaro, os deixava à própria sorte. Ou se sacrificam ou são mortos pelo inevitável despontar da primeira luz.

Ainda assim, o inferno não estava saciado. Nas estações que se sucediam em mais um ano infernal, a peste pairava sobre a França central como um manto etéreo. E nas horas mais sombrias de sua persistência... Com a presença da Abadia, a névoa densa e as grotescas de pedra errantes reivindicavam uma infestação e devastação cada vez maiores. Então, no final de 1350, todos os moradores das aldeias de *Vic-sur-Cere* e *Saint-Flour* testemunharam os horrores de demônios quimera que infestavam os céus noturnos como uma revoada de corvos. Os aldeões gritaram e se dispersaram; no entanto, expressões duradouras de terror, que se esperaria encontrar preservadas nos restos mortais de pelo menos uma vítima, estavam notavelmente ausentes de todos os habitantes mortos — nenhum tinha cabeça — nenhum crânio jazia separado dos demais restos mortais dispersos. E essas mutilações em massa permaneceram em grande parte sem menção, se não por falta de relatos ao vivo, então pela indiferença coletiva à morte. Afinal, cada cidade, vila e aldeia estava em declínio à sua maneira, e o fodor que emanava servia apenas para alertar um sobrevivente da peste a escolher um caminho menos percorrido — a evitar todas as origens da doença.

odores desagradáveis.

Contudo, carne e roupas continuavam a cair de ossos branqueados, marcando os últimos dias de um dos planos mais engenhosos do Inferno. A *Grande Pestilência*, que começou com um único pássaro — um pombo chinês ressuscitado pelo diabo — conseguiu destruir grande parte da Humanidade. Tão abruptamente quanto chegou, passou como cinzas que se depositam ao vento moribundo. Como uma espada brandida com excesso de força ou um feitiço maligno lançado descontroladamente, a vasta faixa de morte da peste atravessou todas as veias da Europa antes de retornar ao coração do...

China. E quando todas as moedas foram recolhidas dos olhos dos mortos — quando as últimas ondulações do Rio Estige se aquietaram, a peste havia reduzido vinte e quatro milhões de homens, mulheres e crianças europeus a pó. Na China, trinta e cinco milhões de almas desapareceram. Incontáveis milhões nas massas continentais da Índia e da África foram arrancados da existência; todos eles foram vítimas da *Colheita da Maçã Negra* de Lucifeal . Contudo, como números frios nem sempre inspiram uma mente a comparar tais proporções mortais e históricas tão adequadamente quanto talvez... Considerando a perspectiva adequada, se todos os mortos europeus tivessem sido empilhados uns sobre os outros em uma vala comum, a profundidade da sepultura teria ultrapassado 3.600 milhas. Mais ainda, se todos os mortos da China tivessem compartilhado a mesma vala, sua profundidade teria atingido quase 5.300 milhas na crosta terrestre.

Para a Humanidade, a Grande Pestilência foi mais profunda que um poço de dois metros — mais profunda que o medo insondável — mergulhou até o Inferno, de onde foi concebida. E, com todas as baixas contabilizadas, metade do mundo conhecido sucumbiu quando um sumo sacerdote taoísta e seu grotesco capturado do *Templo do Dragão Voador, das Três Grandes Gargantas* na China Central, ousaram abrir o primeiro dos três selos do Grande Abismo. Tudo isso aconteceu nas páginas mais sombrias da História, como invariavelmente acontece com as desgraças.

[Fim do Capítulo 12]



Esta obra literária foi criada e exclusivamente em dedicação de

## Edgar Allan Poe (1809-1849)

— Que seu legado viva em todos nós —



~[GothicNovel.Org](https://www.gothicnovel.org)~